

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*A Senhora
da
Encarnação!*

* * *

*Mistério
de inédita ternura*

* * *

*Saudade e melancolia...
No sacrário está o Ser*



Editorial Eco de la Iglesia

25-1-1970

A SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Ó realidade plena da grandeza de Nossa Senhora toda Branca da Encarnação!

Eu necessito hoje, impelida pela luz e a força do Espírito Santo, e inundada pelo amor que pela Senhora invade a minha alma, soletrar na medida da minha pequenez e da pobreza do meu nada, cheia de veneração, admiração e respeito, algo de quanto, num romance de amor de profunda sabedoria e sob a luz sapiencial do pensamento divino, penetrei, levada pelo ímpeto de Deus que «com a sua direita abraça-me e a sua esquerda sustenta-me»¹, sobre o transcendente e sublime mistério da Encarnação; realizado pela vontade do Pai, que nos dá em soletração amorosa o seu unigênito Filho nas entranhas puríssimas da Virgem; a qual, pelo arrulho amoroso do beijo infinito de sublime e transcendente virgindade do Espírito Santo, em passo de imenso e sob a brisa do seu vôo, rompe em Maternidade divina.

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 10-2-2005

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e do livro publicado:

«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2005 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA
1ª Edição espanhola: Novembro 2000

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149	MADRID - 28006
Via Vigna due Torri, 90	C/ Velázquez, 88
Tel. 06.551.46.44	Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org
www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

ISBN: 978-84-86724-72-6
Depósito legal: M. 48.263-2007

¹ Ct 2, 6.

Toda a grandeza de Maria vem-lhe pela sua Maternidade divina; grandeza incompreensível para a nossa mente humana ofuscada e obscurecida pelo pecado.

Sublime mistério o da Maternidade da Virgem!, porque encerra o incontido mistério da Encarnação na ocultação velada e sacrossanta do portentoso que n'ela se realiza pelo poderio do infinito Ser, que a criou nos seus planos eternos para que fosse o meio pelo qual o mesmo Deus, num romance de amor, encarnando-se n'ela —«O Verbo fez-se carne e habitou entre nós»²— deu-se ao homem em soletração amorosa de infinitos e coeternos cantares, no modo mais sublime e inefável que a mente humana possa suspeitar, através da Maternidade virginal de Nossa Senhora da Encarnação, toda Branca!, toda Virgem!, toda Mãe!, toda Rainha!, e toda Senhora!

Não há criatura capaz de conter no seu seio o mistério de Deus, se o mesmo Deus, com a soberania do seu infinito poder, ao penetrá-la com a sua sabedoria, não a sustenta com a sua fortaleza. E Deus criou Maria para que tomasse parte ativa no mistério da Encarnação...!

Ai que terrível é Maria, por ser capaz de conter no seu seio de Mãe o momento do grande mistério da Encarnação...! Momento sublime de

² Jo 1, 14.

infinita transcendência que não cabe na terra, pela sua grandeza, pela imensa realidade que encerra...

Como fez-te Deus, Maria, ao fazer-te capaz de conter o incontido em teu seio, de sustentar o insustentável!

Ai, Maria! Se vejo que estás contemplando o mistério que em teu seio realiza-se...! Ai, Maria! Se ninguém pode conhecê-lo nem vislumbrá-lo se Tu não o ensinas...! Ai, Maria!, manifestação esplendente da vontade de Deus, que te fez a que contém o mistério incontido por criatura alguma na terra: o mistério transcendente da doação de Deus ao homem, mediante a união hipostática da natureza divina e da natureza humana na pessoa do Verbo, realizada nas tuas entranhas virginais, pelo arrulho do Espírito Santo, sob a sombra e amparo do mesmo Onipotente, que te fez romper em Maternidade divina; de tal forma que, em Ti e por Ti, Deus se fez Homem sem deixar de ser Deus, e ao Homem o fez Deus sem deixar de ser homem.

Ó sublimidade excelsa do *Sancta Sanctorum* da Virgem Mãe da Encarnação!, onde, em sabedoria amorosa, Deus, penetrando a minha alma com o seu infinito pensamento, está introduzindo-me e fazendo vislumbrar do modo que só Ele sabe, segundo o desígnio da sua infinita vontade, as suas divinas e coeternas do-

ações ao homem; pois, num requebro de amor inefável, em Maria e através d'Ela, o mesmo Deus deu-se-nos com coração de Pai, canção de Verbo e amor de Espírito Santo.

Diante do qual, a minha alma pobrezinha, anonadada, tremulante, adorante, assustada e afundada no mistério, exclama como num hino de louvor:

Obrigada, Mãe, por ter-me introduzido em teu seio para contemplar contigo o que não é dado vislumbrar à criatura alguma na terra, se não é levada por Ti à profundidade profunda e sacrossanta do mistério que Tu encerras.

[...]³ Ó... sacratíssimo e secretíssimo mistério o da Encarnação...! Imenso, excelso e insondável mistério de Deus com o homem...!

Ó...! Mas, se Deus, pela sua excelência infinita, não pode ser mais que Deus...! E o homem, pela sua criação finita, por muito sublime que esta seja, não pode ser mais que homem...!

Terrível mistério da Encarnação...! Fundo, profundo, secreto, insondável e incompreensível para a mente humana...!

³ Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

[...] Que surpreendente na sua realidade profunda e amorosa...! Mistério da Encarnação, que quase sem poder ser nem sequer dentro das possibilidades infinitas pela infinitude da perfeição de Deus, a mesma Sabedoria eterna tira da sua potência a possibilidade de fazer o impossível para que Deus seja Homem e o Homem possa ser Deus...!

E por si era pouco, este sublime mistério, incompreensível para a mente humana, é contido, mantido e realizado no seio de uma criatura tão maravilhosa, que tampouco cabe na mente humana conhecer a sua grandeza e a sua riqueza pela excelsitude da sua criação que a fez capaz de ser Mãe do mesmo Deus Encarnado, ao não ter Cristo mais Pessoa que a divina; para que por Ela, n'Ela e através da sua virginal Maternidade, mediante a abrangência do mistério que encerra, fora-nos comunicado, no poema de amor mais apetecido pelo homem –a maternidade–, o romance divino de Deus Encarnado, e feito homem por amor.

Ó!, quem poderá aproximar-se do mistério insondável da Encarnação, sem ser introduzido por Maria...? Quem será capaz de aproximar-se do instante-instante de romper o Pai em Palavra de fogo no seio da Senhora, no ímpeto sagrado do amor do Espírito Santo...? E

quem poderá penetrar naquele mistério infinito, sem que Maria introduza-o dentro de si...?

Ai Maria...! Inefável portento o da tua Maternidade, que te faz depositária das promessas cumpridas de Deus ao homem através de Cristo, o Unigênito do Pai, Emanuel, Deus conosco...! —«Farei convosco um pacto sempiterno, o das firmes misericórdias de Davi»⁴—. Ai Maria, tão desconhecida e tão profanada tantas vezes pela mente humana, ao não se conhecer segundo o pensamento divino o portento dos portentos que encerras, para que Tu, como única depositária dele, o comunicasses a todos os homens...!

[...] Que sublime, que profundo e que excelso é o mistério da Encarnação e, por isto, que grandiosa a Maternidade de Maria...!

[...] Só quem se aproxima de Ti é capaz de ser introduzido por Ti na câmara nupcial do segredo de Deus Encarnado, e, aconchegado em teu seio maternal, surpreender o mistério infinito, oculto, transcendente, velado desde todos os tempos e manifestado em Ti, por Ti e através de Ti a todos os homens...

[...] Onde está a palavra humana para cantar as grandezas de Maria...? Não há palavra criada que possa expressá-las, porque, quando

⁴ Is 55, 3b.

Deus criou-a, a fez à imagem da sua sabedoria e como manifestação desta mesma sabedoria dando-se em maternidade...

E, quem poderá compreender de alguma maneira a sabedoria divina na terra, senão Aquela à qual lhe foi soletrada tão surpreendentemente que o Verbo infinito, a Palavra do Pai, rompendo em inéditas melodias de eternos cantares, n'Ela e dentro d'Ela encarnou-se?

Maria é consciente do mistério da Encarnação por desígnio amoroso de Deus que se encarnou nas suas entranhas virginais, fazendo-a romper, pela brisa do seu vôo e a força do seu infinito poderio, em Maternidade divina...! [...] Que grande é Maria por conter em si o grandioso, sublime e subjugante mistério da Encarnação...!

[...] Hoje compreendi surpreendentemente, uma vez mais, desde a pobreza, pequenez e ruindade do meu nada, penetrada pelo pensamento divino e iluminada pela sua sabedoria amorosa, que não há mistério que não se nos comunique em Ti, por Ti e através de Ti...

Obrigada, Senhor, por ter-me dado uma Mãe, mediante a qual, eu seja capaz de entrar no grande momento da Encarnação!, e, por ele, em todos os demais mistérios que, doados por Ti, encerram-se no seio da Santa Mãe Igreja repleta e saturada de Divindade!

Obrigada, Mãe!, por ter-me introduzido em teu seio, único caminho e único meio pelo qual eu posso vislumbrar e penetrar, segundo a medida da impotência e nulidade do meu nada ter, nada poder e nada saber, algo do mistério de Deus feito Homem; e nele entender, saborear e viver, em teu seio e desde teu seio, o mistério da Igreja que é perpetuação do mistério da Encarnação realizado em teu seio. E por isso, Tu, Maria, assim como és Mãe de Deus, és a Mãe da minha Igreja, quem contém também toda a sua realidade na prolongação dos séculos... «Mulher, eis o teu filho»⁵.

Obrigada, Senhor, por ter-te feito Homem! Obrigada por tê-lo ensinado a mim hoje no seio de Maria, e por ter-me manifestado que só n' Ela pode-se compreender o arcano insondável de Deus em si, sob o mistério da Encarnação, que hoje, por ser Igreja, descobri contido e mantido no seio da Senhora e comunicado à minha alma com coração de Mãe e amor de Espírito Santo...!

Obrigada, Senhor, por ter-me dado Maria por Mãe e assim ter na terra quem me introduzisse em teu mistério...!

Ai, *Sancta Sanctorum* da Encarnação! Eu, adorante, dentro, contemplo o Pai, o Filho e o

⁵ Jo 19, 26.

Espírito Santo realizando o mistério que se encerra na Encarnação... Vejo Maria contemplando, em colaboração com as divinas Pessoas, a realização desse mistério...!

[...] Ó, o momento da união das duas naturezas na pessoa do Verbo, realizando-se isto no *Sancta Sanctorum* da Senhora, mediante a doação do Pai que nos dá o seu Filho pelo amor do Espírito Santo...!

[...] O Espírito Santo, num colóquio de amor, de intimidade, no seu ímpeto infinito, prepara a Virgem para que, no seu seio e da sua carne, Deus forme uma humanidade que se una com a Divindade na pessoa do Verbo e realize a Encarnação...

[...] A Encarnação é a união de Deus com o Homem... O Pai dá-nos o seu Filho e Maria dá a Deus a humanidade que Deus necessitava para que seu Filho fosse Homem...

Inefável mistério o da Encarnação, no qual atua o Pai dando-nos seu Filho, o Filho encarnando-se em Maria, o Espírito Santo realizando o mistério na Senhora, e a Virgem dando-lhe a sua carne ao Verbo da Vida para que se faça Homem...! E assim, a Encarnação, como todos os mistérios da doação de Deus ao homem desde esse momento, foi realizada entre o Pai, o Filho, o Espírito Santo e com a colaboração de Maria. E a parte que Maria toma no mistério da

Encarnação é tão importante, que passa a ser a Mãe de Deus e Mãe universal da humanidade.

A Encarnação é o romance de amor entre Deus e o homem nas entranhas de Maria.

Que grandeza apercebe a minha alma hoje na Virgem...! Eu a vi sempre muito formosa, muito sublime, mas nunca penetrei como hoje na sua grandeza diante da Encarnação.

Por este mistério compreendi que não há graça na terra que não lhe tenha sido concedida em plenitude; porque qualquer graça, por grande que seja, será sempre quase infinitamente mais pequena do que a sua Maternidade divina, a qual lhe faz intervir ativamente no grande mistério da Encarnação.

Que graça terá –por muito grande que seja, sempre à distância inimaginável do dom da Maternidade divina– que se possa conceder a uma pura criatura em qualquer momento da sua existência, que não tenha sido concedida em plenitude durante toda a sua vida à Senhora Branca da Encarnação, criada e predestinada para ser a Mãe de Deus, pela vontade do Pai que nos deu seu unigênito Filho no seio de uma Virgem –«e a Virgem chamava-se Maria»⁶–; realizando-se isto na «cheia de graça»⁷ por obra

⁶ Lc 1, 27.

⁷ Lc 1, 28.

do Espírito Santo, num romance de amor de tão subida excelência, que a fez romper em maternidade, e Maternidade divina...?

Pelo que, segundo a minha pobre e limitada captação, afundada no pensamento divino em penetrante sabedoria amorosa, todas as graças, frutos, dons e carismas que a qualquer santo em qualquer momento da sua vida tenham sido concedidos, à Virgem, Imaculada pelos méritos previstos de Cristo, cheia de graça e Senhora da Encarnação, foram-lhe outorgados, durante todo o seu peregrinar, na plenitude que pedia a graça da sua Maternidade divina. Já que, por Maria e através d'Ela, Deus doou-nos o seu Filho Encarnado, pelo qual nos vieram todas as graças.

Sendo a Virgem «Mãe da divina Graça»; coisa que num canto de louvor em manifestação das suas grandezas, os filhos da Igreja vamos proclamando, cheios de gozo no Espírito Santo, nas ladainhas do Santo Rosário.

Quanto aumentou diante do meu olhar espiritual a grandeza plena e exuberante de Maria, e quanto diminuiu a pequenez dos pensamentos dos homens quando, ao pôr-se diante da Senhora, regateiam-lhe alguma graça que lhe tenha podido ser regalada como superabundância da sua Maternidade divina...!

Que contente estou de ter penetrado hoje na Virgem assim, e de que, n'Ela e por Ela, possa

passar a viver e participar no mistério da Encarnação...!

Como poderá o homem pecador entrar no descobrimento das realidades divinas sem uma prévia limpeza do seu espírito...? Como atrevem-se as mentes ofuscadas pela soberba, e talvez pela luxúria, a pôr-se diante de Deus, diante de Cristo, diante de Maria, diante da Igreja, para tentar descobrir, num estudo frio e ofuscado, o pensamento da Sabedoria divina, no mistério da sua vida para dentro e na comunicação deste mesmo mistério para fora por meio da Encarnação, onde aparece Maria com a grande plenitude da sua Maternidade e onde contém-se o mistério de Deus dando-se ao homem e o mistério da Igreja, continuação e perpetuação da Encarnação durante todos os tempos...?

Como atreve-se o homem, que não está penetrado pela luz do Espírito Santo e iluminado pelo seu infinito pensamento, e sem a sabedoria amorosa do infinito Ser, a colocar-se nos mistérios divinos sob a luz obscurecida do seu pequenino entender, cheio talvez de critérios humanos...?

Ó grandeza da Maternidade de Maria, tão desconhecida, e às vezes desprezada e ultrajada pelo pensamento e a ofuscação dos que, sem sabedoria divina, atrevem-se a colocar-se no *Sancta Sanctorum* onde Deus mora na ter-

ra, para vislumbrar, com o fósforo tenebroso do seu entendimento obscurecido, o esplendor quase infinito da santidade, da plenitude, da fartura e da grandeza da Mãe de Deus...!

Ó homem, que tinhas, como o profeta Isaías, que queimar teus lábios com um carvão aceso para pronunciar o nome de Maria, e que te atreves a colocar-te no *Sancta Sanctorum* da Encarnação, e intentas descobrir o segredo que encerra, aproximando-te dele talvez com a tua alma obscurecida e suja pelo barro de tantos pecados...!

Que grandes são as realidades da revelação...! E enquanto mais luz infunde a sabedoria na alma, mais aumenta diante desta a imensidade e infinitude do mistério de Deus e dos seus planos eternos... A luz divina faz aparecer o mesmo Deus, diante da mente de quem o conhece, infinitamente transcendente, terrivelmente maravilhoso, apaixonadamente apetecível... E essa mesma luz abre no espírito insondáveis cavernas em fomes insaciáveis de mais saber, num saboreamento que é vida, o Ser em sua realidade infinita. E cada nova plenitude faz surgir no mais profundo do espírito uma nova capacidade que faz vislumbrar uma maior grandeza do Infinito, com um novo aumento de nova sabedoria para novamente apetecê-lo mais e sabê-lo mais de novo.

Nessa mesma luz a alma descobre o grande mistério da Encarnação, incompreensível para a mente humana e incontido por nenhuma criatura, e por ele e desde a Maternidade divina da Senhora, os demais mistérios. Nele surpreende que Deus se faz Homem e o Homem passa a ser Deus. Mistério que parece que contradiz a mesma realidade infinita, pela excelsitude e sublimidade transcendente que em si encerra!

E, ó surpresa!, quando a alma encontra Maria metida no grande mistério da Encarnação, como parte integrante do mesmo... Ó surpresa!, quando nesse mistério descobre que toda a sabedoria que o homem possa receber, a plenitude de vida, a posse de Deus, a grandeza do sacerdócio, a terribilidade do mistério da Igreja..., tudo isto realizou-se e foi-nos dado em Maria e com a sua colaboração através da sua Maternidade divina...

A mente parece que se rompe diante da plenitude do mistério que contempla, diante da grandeza da Senhora da Encarnação, diante da sua colaboração nos planos eternos, diante da participação ativa da sua Maternidade em toda a doação de Deus ao homem por e no mistério da Encarnação...!

Com tremor e temor, mas cheia de confiança e amor filial sob o abrigo amparador da sua

Maternidade divina, desde hoje [...], olharei sempre para Maria, pela grandeza que contemplei no mistério da Encarnação que n'Ela se encerra e a sua participação nele. Com temor de aproximar-me da sua brancura e poder turvar a sua grandeza com a minha ofuscação; e com amor e confiança, porque Deus a deu a mim por Mãe, para que, metendo-me em seu seio, fossem-me descobertos os segredos do Pai que n'Ela se nos comunicam...

Hoje aprendi que tudo quanto me é dado no seio da Igreja, que tudo quanto me foi dado, que tudo quanto me será dado, tem sido por meio de Maria, o qual eu, talvez inconscientemente, não lhe tenho sabido agradecer nem corresponder. Mas hoje, na luz e amor da sua vizinhança, vi que não há nada, nem no céu, nem na terra, que se nos transmita fora da Maternidade divina da Virgem, Mãe, Rainha e Senhora toda Branca da Encarnação. A mesma Igreja é o presente que Cristo nos deu por Maria e em seu seio; e assim como a Igreja é a prolongação e perpetuação do mistério de Cristo na sua encarnação, vida, morte e ressurreição, é também a perpetuação e prolongação do mistério da Maternidade de Maria.

[...] E, diante desta verdade, a minha alma gozosa descansa no saboreamento e proximidade da presença da Senhora da Encarnação, neste dia de graça, de luz e de amor, que Deus

me concedeu, como um novo prelúdio no meu caminhar para Ele.

Senhor, esclarece meu entendimento, para que a minha alma possa entrar, sem profaná-lo no segredo da tua vida íntima e da tua Encarnação, metida no colo de Maria, desde onde apercebem-se, vislumbram-se e descobrem-se, como desde uma atalaia, os mistérios infinitos da tua vida na tua comunicação familiar e na tua doação aos homens.

Obrigada, Senhor, por ter-me dado hoje a possibilidade de conhecer teus mistérios, introduzida no colo da Senhora da Encarnação, toda Virgem, toda Mãe, toda Rainha e toda Senhora!

Roma, 30-4-1993

VIRGEM, MÃE, RAINHA E SENHORA...

Era branca a minha Senhora...!,
aquela que vi aquele dia,
qual centelhas de glória,
de majestade tão divina,
que refletia o Imenso
em sua infinita harmonia!

Era Branca...!, era Senhora...!;
e minha alma a via
Virgem de tal senhorio,
que Deus mesmo a envolvia.

Era Mãe do Deus vivo
que se encarnou, nesta vida,
no seu seio imaculado
de sublime poesia...!

Era tão bela...!, tão bela...!;
tão boa a sua companhia,
que, quando veio abraçar-me,
em seu peito me sentia
estremecida na profundidade
de minha alma dolorida...

A mim veio e se aproximou...!
Em brancura reluzia...!
Era tão branca...!, tão branca...!,
que a sua brancura dizia,
do modo que pode fazê-lo
criatura tão simples,
a infinita excelsitude
de transcendência divina
em resplendores de glória,
onde Deus vive a sua vida.

Era Mãe...!, era Senhora...!,
Virgem...!, Rainha enaltecida...!,
que, na abóbada do céu,
em santidade a envolvia
o Santo que ali se oculta
em santidade infinita.

E essa era a minha Senhora...!,
minha Mãe...!, minha Virgem minha...!;
em realeza tão grande
que, qual Rainha, possuía
por doação do seu Filho
e participando em vida
aquilo que Deus *se é*
na sua excelsitude divina.

E na sua virginal brancura,
ó que posse tinha
minha Senhora, Virgem, Mãe,

do Verbo que a envolvia
com seus eternos cantares
de inéditas melodias...!

E, como a amava o Pai...!
N'Ele Ele tinha
recreios de grande contentamento
no modo que Ele sabia.

E o Espírito infinito
com o seu fogo a acendia
em refrigerantes chamas,
como a sua esposa querida!

Que romance é o de Deus
em infinita harmonia,
para minha Mãe da alma,
para minha Virgem, a minha...!,
que, um vinte e cinco de março,
desceu do céu impelida,
para acariciar minha alma
que já de pena morria
num penar dolorido,
que dizê-lo não podia.
Ela veio e me impulsou
com a sua doce companhia,
para que já a Deus cantasse
suas eternas melodias.

Veio a mim e me acariciou...!
–que branca era Maria...!–
e inclinando-se para mim,
entre suas mãos pegava,

para levar a seu peito,
minha cabeça desvalida;
em carícia que não acerto
a dizer, por mais que diga.

Que branca era minha Mãe...!,
que ternura n'Ela tinha...!
Nunca me vi tão pequena,
nunca me senti tão menina
em seu colo amoroso,
e nunca tão protegida
da doce Mãe amada
que Deus me dera aquele dia
quando na cruz me entregava
a sua Maternidade divina.

Que branca é minha Mãe Branca...!,
que bela a vi este dia...!,
sendo-se, em virgindade,
a Mãe de Deus e minha,
e um portento dos céus
que, em vizinha companhia,
quis dizer à minha alma
tanto quanto me queria.

Que senhorio encerrava
sua brancura cristalina,
reflexo do Sol eterno
em substancial companhia...!

Era Virgem a Senhora...!,
Virgem, Mãe, Rainha minha...!

Era Rainha, porque Deus
lhe deu a sua soberania,
ao encarnar-se em seu seio;
sendo por Ele tão querida,
que a fez Mãe sua
durante toda a sua vida,
e está por sempre nos céus
junto a Ele enaltecida.

E eu a vi na terra...!,
mas não com estas pupilas
com que se vêem aqui abaixo
as coisinhas desta vida;
sendo os olhos da alma
os que nas minhas profundezas olham,
e com os quais Deus quer
que me introduza na sua vida.
Pois são luzentes luzeiros
de profunda sabedoria
os que Deus mesmo lhe deu
à minha alma nesta vida,
para poder-me adentrar
na sua doce companhia.

Agora atrás de densos véus,
depois com a sua luz divina,
o veremos tal qual é,
em adesão que culmina
vendo-o nos seus mesmos Olhos,
dentro, na sua sabedoria.

Era branca a Senhora...!,
aquela que, naquele dia,
um vinte e cinco de março,
quando minha alma morria
em recôndito silêncio
porque dizer não podia
quando no meu peito encerrava
do modo que Deus queria,
veio a mim e me acariciou...!

Meu penar desvanecia,
porque, chegando ao meu lado,
a minha cabeça pegava,
e levando-a ao seu seio,
em seu peito me punha
com acariciar tão doce
que, em Maternidade divina,
disse-me minha Virgem Branca
o modo em que me queria;
e me deu a sua proteção
que, em consolação, dizia,
com impulso dos Céus,
que me lançasse a cantar
como Deus de mim pedia.

Nada disse com palavras,
com sua presença, Maria;
mas tudo ficou dito
à minha alma dolorida
com a doce proteção
que a Virgem me oferecia.

Era Virgem...!, era Mãe...!,
era Rainha na sua harmonia...!

Tudo isso em mim imprimiu
em profunda sabedoria,
porque a vi com os olhos
que, na minha alma, eu tinha.

Ainda depois de tantos anos,
não se nublou aquele dia;
e no transcurso feroz
da minha desolada vida,
a tenho sempre gravada,
de minha alma, em suas pupilas.

Tão claro e profundo a encerro
em luz de sabedoria,
como o dia que a vi,
ficando comovida
para sempre no desterro...
E no meu lutar, todavia
sinto sua doce presença
e seu amparo que me anima
a seguir sempre adiante
com renovada alegria,
ainda que pareça que faltam
forças à minha alma ferida;
porque já se faz de noite
e se entardece minha vida,
entoando os cantares
que Deus com força pedia
ao meu espírito cansado
pela luta desta vida.

Era branca a Senhora...
Eu a vi! Com a sua vinda,
me sinto firme e segura
no resto dos meus dias,
para poder repetir,
no meu carinho de filha,
que eu vi a Senhora
em luzente cercania
um vinte e cinco de março,
quando menos o cria;
porque a prova era dura,
e sozinha me submergia
num silêncio silente,
que mais tempo não podia
suportar dentro do peito
com a prova que vivia.

Um vinte e cinco de março...!
Como olvidarei aquele dia!,
quando cheguei a compreender
que Deus mesmo me dizia,
no coração simples
da sua Mãe e da minha,
com doce maternidade,
o modo em que Ele queria
a esta pobre «Trinidade»
que Ele na terra tinha...

Era Deus, ou era a Virgem...?
Era Ele que me dizia
no peito da sua Mãe
tudo quanto me queria...!;

e me quis acariciar,
como meu Jesus o fazia
dia a dia no sacrário,
quando em seu peito punha
minha cabecinha pequena,
porque menina me sentia
quando a Jesus me acercava
presente na Eucaristia...!

Deus me quis acariciar
de novo, como Ele queria
quando ao sacrário chegava
para fazer-lhe companhia...!
E por isso me enviou
sua Mãe, que é a minha,
para que me aconchegasse,
como Ele sempre o fazia.

Um vinte e cinco de março,
eu vi, em sabedoria,
a Mãe do meu Deus,
que a consolar-me vinha...!

E reclinou-me em seu peito;
e eu nele me estremecia,
porque me disse ternuras
em maneira tão divina,
que compreendi que Deus mesmo,
com terna sabedoria,
acariciava minha alma
no peito de Maria.

Era Branca...!, era Mãe...!;
que fulgores envolviam
sua excelsa Maternidade
em virgindade sumida...!

Por isso ficou na minha alma
a figura de Maria
impressa com tanta luz,
que, sem palavras, dizia
a eterna Virgindade
que o Excelso em si tinha,
sendo-se-la no seu interior
por si e em si possuída
em rompentas cataratas
de paternidade divina;

e tão envolta por Deus
nas chamas infinitas
dos seus luzentes luzeiros,
que, do solo transcendida,
vive com Deus adentrada
por sempre na sua companhia,
de um modo tão transcendente,
que Ele somente sabia
a maneira que, em seu Seio,
tinha dentro Maria!

Era branca a Senhora...!
A mesma que vi outro dia
que, em sua Assunção aos céus,
em corpo e alma subia
no arrulho infinito
de Deus que a possuía.

Era branca a Senhora...!,
tão Virgem, Mãe, e tão minha!,
que já sempre hei de viver,
no meu passo pela vida,
envolta pela lembrança
de quanto eu vi no dia
da Encarnação do Verbo
no seio de Maria:
de uma Virgem toda branca
que, em Maternidade divina,
o mesmo Verbo de Deus
em sua entranha concebia
pelo senhorio excelso
que, em realeza, Ele punha
no seio da sua Mãe,
para encarnar-se na vida!

Um vinte e cinco de março...!,
sublime e terrível dia...!
que deixou para sempre impressa
na minha alma dolorida
a figura da Virgem,
tão Rainha e enaltecida,
tão reluzente e tão pura
como o sol do meio-dia.

Um vinte e cinco de março
veio abraçar-me Maria...!,
a mesma Mãe de Deus!,
Mãe da Igreja minha...!

19-12-1974

MISTÉRIO DE INÉDITA TERNURA!

Natal...! Mistério de inédita ternura...; surpreendente doação do Amor infinito para com o homem...; explicação poderosa do eterno Poder, que se nos dá em soletração divina e humana de um modo tão simples como corresponde ao senhorio simplicíssimo da realeza do Ser.

Natal...! Deus que nos diz numa soletração amorosa e no romance infinito mais inimaginável e incompreensível, toda a sua vida em Canção, em manifestação gloriosa e em gozo de sapiencial sabedoria...

Ó pensamento de Deus que, rompendo em vontade redentora, entrega-se pela sua infinita Palavra aos que ama, no arrulho carinhoso do Beijo da sua boca...!

Natal...! Sapiencialmente sabido entre os homens, em adorante penetração, por Nossa Senhora de Belém que, em contemplação expectante, transcendida até o peito do mesmo Deus, dá à luz ao mundo a Luz infinita da eterna Sabedoria, num Menino que, chorando entre seus braços, é o Filho de Deus e seu Filho...

O Verbo infinito, pelo transcendental mistério da Encarnação, cumprindo a vontade do Pai, rompe em Palavra desde o seio d'Este o ao seio de Maria pelo arrulho acariciador e amoroso do Espírito Santo. E encontra que o seio da Senhora sabe-lhe de Lar infinito, porque é todo ele participação acolhedora do coração do Pai com ternura e carinho de Virgem-Mãe...

E no seio de Maria, saturado de virgindade, é realizado o mistério transcendente e subjulgante da Encarnação no poema amoroso do beijo infinito do Espírito Santo, que faz romper a Senhora, com a brisa sacrossanta da suavidade do passo do seu vôo, em Maternidade divina...

Maria, Virgem-Mãe...!: Mãe em fruto da sua excelente virgindade..., e Virgem porque a sua mesma Maternidade divina, pelo fruto da sua fecundidade, a fez ainda mais Virgem, ao ser este Fruto a Virgindade infinita Encarnada em Palavra explicativa aos homens, de infinita santidade virginal. Pelo que Maria, enquanto mais Virgem, mais Mãe, e enquanto mais Mãe, mais Virgem; já que Ela é um grito em todo seu ser de: Só Deus!, envolta, saturada, penetrada e possuída só, exclusivamente só! pelo Ser infinito, em posse total e absoluta.

Segredo transcendente o que viveu Maria durante os nove meses do seu Advento em inti-

midade saborosíssima com o Filho de Deus que, entranhado no seu seio, fazia-lhe sentir o palpitar do seu coração em carinho de filiação...! A vontade infinita do Pai a estremecia, pelo amor do Espírito Santo, em necessidade nostálgica e veemente de dar à luz o Filho de Deus através do parto virginal e luminoso da sua Maternidade divina...

Mistério de silêncio sagrado entre a criatura e o Criador... entre Deus e a Virgem Branca, que, na abrangência do seu Advento, encerra em seu seio o Unigênito do Pai, com o carinho e a maternidade que a mãe mais terna pudesse sentir, pela delicadeza infinita do toque do Espírito Santo em suas entranhas virginais...!

Nove meses de ternura..., de doação..., de entrega..., de resposta e de esperançosa expectativa, na espera carinhosa da sua maternidade que anseia escutar da boca do Verbo infinito, como em infinitude de eternas melodias, a palavra: Mãe!, na realidade palpável e palpitante, sonora e deleitosa do Filho de Deus feito Menino entre seus braços...!

A vida de Maria, durante o seu Advento, é um mistério de inimaginável ternura, sempre em espera de que a Palavra infinita do Pai, volvida para Ela, expresse-lhe a vontade do mesmo Pai pelo impulso do Espírito Santo em requiebro de manifestações de amor...

Advento de Maria, vivido no segredo da abrangência do seu seio, e só conhecido por Deus e por Ela no abraço sacratíssimo do Espírito Santo; que, em estreitíssima união, tinha envolvido o Filho de Deus, sendo o Filho de Maria, na ocultação velada da imaculada virgindade da Senhora!

Os nove meses que a Virgem viveu com Jesus em seu seio, foram contemplados pelos anjos de Deus, na intimidade sagrada de ricos colóquios de amores..., em ternuras sublimes e inefáveis, silenciosas e secretas, misteriosas e sagradas, divinas e divinizantes de adorante silêncio...

Advento de Maria...! Segredo insuspeitado e só intuído pela *alma-Igreja* que, sendo introduzida pela Senhora no *Sancta Sanctorum* da sua virgindade maternal, é capaz de saborear em surpresa candente o que entre Deus e a criatura é realizado pelo Espírito Santo, quando a vontade do Pai quis dar Mãe ao seu Filho Encarnado e, por Ele e n'Ele, a toda a humanidade; e, quis dar Filho à Nossa Senhora toda Branca da Encarnação, para que Esta desse à luz Deus entre os homens sob as aparências simples e carinhosas de um Menino pequenino em braços de Mãe, fruto, em manifestação esplendorosa, divina e divinizante, da Virgem Mãe de Belém, abrigada sob o arrulho divino do Espírito Santo, coberta e envolvida pela Santidade do Onipotente.

Natal...! Mistério de doação do Infinito aos homens através da Maternidade de Maria...

A Virgem-Mãe de Belém beija com ternura indizível, num beijo de profunda adoração saturado de mistério, o Filho de Deus; que, surgindo do seu seio virginal em fruto da sua Maternidade divina, é seu Filho que se faz visível diante do mundo na escuridão surpreendente de uma noite fechada sob o silêncio misterioso, velado e surpreendente da incompreensão, só conhecido e penetrado na profundidade profunda da sua realidade pela Santidade infinita d'Aquele que *se É*.

Filho da Santa Mãe Igreja, só a vida de fé, repleta de esperança, iluminada com os dons do Espírito Santo e impelida pelo amor, é capaz de adentrar-se neste mistério do Natal: No silêncio da noite e da ingratidão, diz-se o Amor diante da expectativa secretíssima da Virgem Branca.

Que seriam para Maria todos e cada um destes esplendorosos mistérios que Deus realizava entre os homens, pela doação do seu mesmo Filho em soletração amorosa de amor eterno, rompendo em infinitos cantares pelo gemer do pranto de um Menino...! Como os viveria...! De que modo os adoraria...! Que recepção a da ternura da sua Maternidade...! Que resposta a da sua entrega! Que carinho, na sua carícia de

Mãe, cheia de sapiencial e deleitável ternura para o Verbo infinito do Pai, Encarnado, que, sendo ao mesmo tempo Filho seu, era um Menino pequenino, alimentado pelo néctar saborosíssimo dos seus peitos virginais, nascido em Belém nos braços de «uma Virgem que o chamaria Emanuel, “Deus conosco”», –«e a Virgem chamava-se Maria»–, «descendente de Davi», «Primogênito entre muitos irmãos»¹, e Promessa de Deus feita ao nosso Pai Abraão, anunciada pelos santos Profetas no Antigo Testamento e cumprida por Cristo:

«Um Menino nasceu-nos, um filho foi-nos dado: leva no ombro o principado, e é seu nome: Maravilha de Conselheiro, Deus Forte, Pai Perpétuo, Príncipe da Paz»...!².

Que recreios de amor e ternuras entre a Mãe e o pequeno Emanuel...! Que segredos de entrega e resposta...! Que abraços de carinho da Virgindade infinita à sua Virgem-Mãe, e que ternura a da Virgem-Mãe para a Virgindade infinita do Verbo Encarnado entre seus braços...!

Que momento o do Nascimento de Jesus...! Momento de surpresa e expectativa de reverente e adorante veneração! Que instante-instante de sublime e celestial transcendência de virgindade em rompente Maternidade divina

¹ Cf. Mt 1, 23; Lc 1, 27; cf. Rm 1, 3; 8, 29. ² Is 9, 5.

pelo esvoaçar infinito da brisa candente do Espírito Santo, quando a Virgem encontrou-se com a realidade palpável e palpitante do seu Deus feito Filho seu, em abraço de misteriosa maternidade e em resposta do mesmo Deus em Menino pequenino que a olha com seus olhinhos divinos, como luzentes luzeiros, em segredo de filiação, chamando-a: Mãe...!

Que faria o Espírito Santo neste instante em que a Palavra infinita Encarnada, surgindo do seio de Maria, brilhou diante do mundo na escuridão da noite, rompendo em Luz de infinita sabedoria expressiva diante da ocultação misteriosa do silêncio da incompreensão na noite sagrada de Belém...?!

«A Luz veio para as trevas e as trevas não a receberam»³.

Que diria Maria a Jesus, toda Ela possuída pelo Amor infinito..., envolvida e penetrada pela sua carícia..., beijada pelo seu Beijo..., saturada pelo seu amor..., impregnada pela sua eterna sabedoria para penetrar, no saboreamento do mesmo Espírito Santo, o que, através da sua Maternidade divina, dava-se aos homens no mistério simplicíssimo de um Menino que, reclinado num presépio, entre palhas, rompia num pranto melodioso de canções infinitas de amores eternos...?!

³ Jo 1, 5.

Qual seria o impulso do Esposo divino no coração candente de Nossa Senhora, para que amasse e recebesse Jesus com a ternura da sua Maternidade divina...?!

Que requebros de amor entre a Mãe e o Filho, pela força..., a brisa..., o silêncio..., a paz..., a doçura e o gozo ditosíssimo do Espírito Santo...!

Ó mistério...! Mistério de surpreendente ternura...!: Deus já é Homem em braços de Mãe...! E a Mãe é Virgem com a Virgindade infinita Encarnada nos seus braços, que chama Mãe a sua Virgem, porque a Virgem é sua Mãe...!

Mistério de Natal, contemplado pelos anjos que, diante da sua impossibilidade de chorar anonadados de amor, rompem num cântico ao Deus feito Menino por amor em manifestação esplendorosa da misericórdia infinita em derramamento de ternura e compaixão pelo homem caído!: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que Deus ama»⁴.

Que não intente a criatura, com olhos carnis, penetrar, compreender e nem sequer vislumbrar os mistérios velados de sublime transcendência que o infinito Ser realizou em Maria, quando criou-a para a realização dos seus planos eternos de doação para o homem; unindo-a a Ele tão maravilhosamente, que fez d'Ela um portento da graça só conhecido na penetração

⁴ Lc 2, 14.

dos dons do Espírito Santo e saboreado pelos frutos da sua posse...!

Que não intente a língua manchada expressar os mistérios de Deus em si mesmo e em sua doação de amor misericordioso pelo homem em e através da Virgem toda Branca da Encarnação, rompendo em Maternidade divina pelo beijo candente de infinita virgindade do Espírito Santo, com comparações profanas que não fazem mais que empanar a brancura imaculada da sua incompreensível e intocável santidade...!

Maria é um grito de: só Deus!, em seu ser, em sua vida e em seu atuar...!

A Virgem, saturada de Divindade e transbordante de Maternidade divina, consciente de que Deus encarnou-se n'Ela para dar-se aos homens na Canção infinita do romance de um Menino, pela vontade do Pai e no amor do Espírito Santo; ansiosa de realizar o querer divino que tem impresso em seu ser, interrompe os recreios de amor com o Filho de Deus, saído do seu seio, e seu Filho nos seus braços de Mãe, para dar ao mundo, como fruto da sua Maternidade divina e em função desta mesma Maternidade, o Emanuel, o Sumo Sacerdote que é em si e por si a união de Deus com o homem no exercício da plenitude do seu Sacerdócio.

E quando, como Mãe universal, em manifestação do seu amor, vai dar Deus a todos os ho-

mens, que também são fruto do beijo do Espírito Santo na sua alma de Virgem-Mãe, recebe, na delicadeza incompreensível do seu amor maternal, a espada de uma dor tão aguda, que seu coração fica ferido, sem poder-se cicatrizar, diante do desamor do «não» de todos os seus filhos à doação infinita do Amor eterno que, por meio da Maternidade da Senhora, entrega-se-nos feito Menino na noite misteriosa e sacrossanta do Natal... E como compreendeu Maria, numa compreensão de dolorosa penetração, que «a Luz veio para as trevas e estas não a receberam»...!

E por isso, traspassada de dor, cumprindo a vontade do Pai e sob o impulso do Espírito Santo, pegou a Palavra infinita do Pai feita Menino e, num rasgão da sua maternidade, desprendendo-o dos seus braços, «colocou-o nas palhas de um presépio»⁵, como manifestação patente, palpável e rasgadora de que não havia quem o recebesse...

Realizado tudo isto só sob a expectativa adorante e reverente do Patriarca São José, inundado de gozo indizível no Espírito Santo e soluçando ao mesmo tempo, com sua alma rasgada diante da contemplação do surpreendente mistério que, através da Virgem Branca da Encarnação, manifestara-se em Belém, sob a sombra e a brisa amparadora do Onipotente.

⁵ Lc 2, 7.

Mistério de Natal...! Segredo de infinita ternura...!: No silêncio da noite e da incompreensão, sob as notas vibrantes do Espírito Santo, e no rasgão da maternidade de Maria, num presépio se disse a nós o Amor...!!

Silêncio, alma querida...! Respeito e veneração! Adora...! Com os anjos de Deus, responde em amor...! Porque Deus, feito Menino, de um momento a outro vai romper em pranto pela primeira vez na terra numa dilaceração de solidão e incompreensão...

Silêncio, alma querida...! Responde...!, adora...!, ama...!, que Deus chora!!

Anjos do céu, onde estais...? Buscai os simples da terra e comunicai-lhes a grande notícia de que num presépio, aconchegado pela ternura de uma Virgem-Mãe, Deus chora...!! Buscai os simples, os pequenos..., porque eles descobrirão os mistérios de Deus...; porque a eles são comunicados os segredos do Pai...; «porque deles é o Reino dos Céus»⁶ e porque com eles o Amor infinito, reclinado entre palhas e tremendo de frio, descansa...!

E por isso os anjos, na arrepiante noite de Natal, correram aos pastores em cumprimento do desejo de Deus, para comunicar-lhes a Boa Nova do Emanuel.

Entre os grandes, entre os que buscavam a riqueza da terra, não teve lugar para que a Virgem-Mãe desse à luz a Luz infinita do eterno Sol, rebentando em cintilantes resplendores...

«Não teve lugar para o Filho de Deus em nenhuma pousada»⁷...!

E assim, numa gruta..., no silêncio da noite..., diante da expectativa da Virgem..., a adoração de um justo varão..., o calor de uns rudes animais... e a contemplação dos anjos do céu, rompeu entre os homens a Canção infinita do Pai, em Cântico nostálgico de profunda e trágica incompreensão.

Filho da Santa Mãe Igreja, tu que vives de fé, que conheces, na penetração dos dons do Espírito Santo, por tua vida de graça, os mistérios da vida de Cristo, vem hoje comigo, alma querida, filho da minha *alma-Igreja*..., vem, nesta noite de Natal, ao pequeno portal de Belém...! Põe-te junto à Virgem Branca... E ali, em expectativa adorante, espera esse instante-instante pleno de luz e de divindade no qual, agasalhado pelo silêncio da noite e no mistério acariciador do arrulho do Espírito Santo, vai romper em pranto de Canção infinita a Palavra eterna do Pai nos braços de Maria...

⁶ Mt 5, 3.

⁷ Cf. Lc 2, 7.

Espera prostrada, alma querida, e contempla os recreios da Mãe e do Filho em virgindade de ternura comunicativa...

Escuta o arrulho infinito do Espírito Santo, que envolve o mistério da Virgem-Mãe que beija Deus num Menino recém-nascido como seu Filho feito Homem.

Apercebe, se podes, o beijo de Deus que, Encarnado, beija a Virgem com ternura de Filho...

E espera... para que, depois desse colóquio de inefável complacência por parte de Deus, quando Nossa Senhora toda Branca de Belém vá dar o seu Filho e o Filho de Deus aos homens novamente nesta noite de Belém que por meio da Liturgia se nos faz presente no nosso tempo, encontre-te esperando cheia de amor e inédita ternura, e não tenha que voltar a colocá-lo no presépio, numas frias palhas!, porque tampouco encontre nesta nova noite de Natal a quem dá-lo para que o receba.

Pega pressuroso dos braços de Maria o Menino de Belém; o Emanuel, Deus conosco, que nasce num presépio, morrerá numa cruz e ficará na branca Hóstia durante todos os tempos mediante o Sacrifício do altar, para dar-se a ti como Pão de vida, e em espera amorosa no Sacramento da Eucaristia, manifestação esplendorosa do seu amor infinito que necessita estar com os que ama enquanto durem os séculos.

Alma querida, filho da minha *alma-Igreja*...! Acolhe-o, que Deus se fez Homem para ti, para que tu o recebesses, o amasses e o abraçasses...! Acaricia-o com a máxima ternura que possas...! Beija o seu peitinho divino palpitando de amor por ti; seus pés que se converterão em caminho de vida e, para levar-te para a Casa do Pai, serão perfurados; a sua cabecinha penetrada de infinita sabedoria, que será coroada de espinhos pelos teus próprios pecados!

Olha as suas divinas bochechas, banhadas pelas lágrimas e seus olhinhos brilhantes que te buscam esperando a resposta do teu amor à sua doação de amor infinito.

Deposita nas suas mãos um beijo que lhe saiba de recepção da sua doação eterna... Abre teus braços e teu coração, e estende-os para pegá-lo; e pede à Maria que o dê a ti, que não deixe Jesus no presépio, que tu queres recebê-lo, porque para ti se fez Homem, e por ti Ela foi Mãe de Deus e Mãe tua...!

Pede à Nossa Senhora do Espírito Santo o Fruto da sua Maternidade, que é teu, pois para ti Deus se fez Menino...

Não deixes, alma querida, que Nossa Senhora de Belém, nesta noite de Natal, carregada de mistério, ponha novamente Jesus no presépio porque não havia quem o recebesse...!

[...] E unidos no Espírito Santo, cumprindo a vontade do Pai, vamos abrir nosso coração e nossa alma para pegar em nossos braços Jesus, pequenino de Belém, e beijá-lo com um beijo de recepção..., com um abraço de resposta..., com uma entrega de doação... para que já nunca se possa dizer que «a Luz veio às trevas, e as trevas não a receberam»...!

[...] Já sabes, Senhora de Belém, que as minhas saudades e as apetências do meu coração são incontidas..., que as urgências do meu peito e os vulcões do meu amor, como não abarcáveis... Pelo que eu expresso hoje os meus sentimentos da maneira espontânea e simples com que os pequeninos comunicam os seus desejos, apoiados no peito do Pai.

Nas ânsias incontidas da minha maternidade universal, eu quero, na noite sacrossanta de Belém, com a minha missão de Igreja cumprida, de um modo misterioso mas experimentalmente vivido, prostrar-me a teus pés [...] e dizer-te, em nome dos homens de todos os tempos, pela dimensão da minha *alma-Igreja* na plenitude do meu sacerdócio místico: Mãe, dá-nos Jesus...!; e que nunca jamais se tenha que ouvir na terra: «Veio para os seus e os seus não o receberam»⁸...!

⁸ Jo 1, 11.

Porque, na magnitude esplendorosa da nossa realidade de Igreja, a minha alma pequenina, mas desbordadamente ansiosa de responder a Deus, diz ao mesmo Deus, pela minha maternidade espiritual e universal nas chamas candentes do Espírito Santo e no modo misterioso da nossa inserção em Cristo, com Ele, por Ele e n'Ele, um «sim» tão glorioso que seja resposta de amor e de recepção por todos os homens na noite fria, silenciosa, misteriosa e sacrossanta do Natal.

28-12-1972

MENINO DE BELÉM

Fixava meus olhos na lonjura,
e, com os luzeiros do teu resplendor,
Menino de Belém, doce Melodia,
senti acender-se minha alma em amor.

E, nos ardores de um terno alvoroço,
dentro do meu peito escutei tua voz
que, em pranto de Menino, cortado em soluços,
me pede em gemidos minha entrega
e meu dom...

Olhava para longe,
buscando na noite meu Sol...

29-5-1973

MEU LUME DA MADRUGADA

Oculto-se entre sombras
o Sol dos sóis...
por que...?

Se só em teus Lumes
encontra sentido
meu ser!;

se só ao olhar-te,
Menino de Belém,
em teus resplendores
descubro adorante
teu *ser-te* em teu ser...!

Por que não te mostras
sem sombras de morte,
sem esperas longas?
Diz-me; por que...?

Já sei que teus fogos
deslumbram minhas sombras
e me cegarias
ao conseguir-te ver,
Jesus do sacrário,
Deus do Sacramento,
meu infinito Ser.

Mas, ainda que morresse
pelos teus resplendores,
morte busco ansiosa
que apague minha sede.

Já sei que cegada
fiquei ao contemplar-te,
e, envolvida em tua sombra,
caminha minha fé;

mas as cintilas
que vi em teus fulgores
abriram as ânsias
do meu apetecer,
Jesus do sacrário,
Deus de Eucaristia,
divino Emanuel.

E hoje clamo nas minhas sombras:
Por que te escondeste,
meu Lume da madrugada...?
Diz-me; por que...?

21-10-1974

EU QUERO O SER...!

Eu quero o Ser...! Só quero Deus, sem mais...,
porque tudo o que não é Ele, profundamente
me tortura...!

Eu preciso colocar-me na profundidade pro-
funda do eterno Afluyente, onde, em borbotões
de ser, irrompe a Catarata inesgotável da infi-
nita Sabedoria...

Anseio saciar meu entendimento naquela
ciência saboreável d'Aquele que É eternamen-
te em seus Três. E anelo só Ele, sem mais coi-
sas que torturem a ferida pungente do meu co-
ração...

Eu quero beber na Torrente das suas Cas-
cadas, e saturar-me na embriaguez do sabo-
reamento sapiencial que rompe do peito de
Deus...

Quero beber... beber para calmar minha se-
de..., para saturar minhas fomes no eterno *Ser-*
se..., ali..., onde Deus!

Estou cansada da terra com as suas criaturas,
com os seus conceitos, com o seu vazio de

Deus, com a incompreensão que encerra em si como conseqüência do pecado, pelo que o entendimento mútuo entre os homens e eu se faz tão dificultoso...

Sinto-me oprimida pelos gemidos do coração, as lágrimas afogadas do espírito e os suspiros contidos da alma...

Vou pela vida cansada de lutar na fadiga do meu caminho tão cheio de dificuldades. Sinto-me perfurada pelo segredo do silêncio, pela incompreensão dos que junto a mim caminham vertiginosamente, muitos talvez sem sabê-lo, para o termo desta vida; a qual, pelo encaixamento na vontade de Deus, conduz-nos ao gozo ditosíssimo da eternidade, ou, na nossa desatinada carreira, pode levar-nos a perdê-lo para sempre atrás do abismo pelo nosso desencaixamento nos planos d'Aquele que É, que nos criou com capacidades imensas de felicidade para saciá-las na posse do seu gozo infinito, na intimidade familiar da sua Família Divina...

Eu desejo viver no País da vida e da liberdade..., na verdade da infinita Justiça..., no descanso da verdadeira caridade..., na compreensão da perfeita união...

Busco o Ser..., o Ser infinito em seu ser, tal qual é...!, e o encontro entre os que não são Ele e em sombras de morte.

Meu espírito sedento geme pela vida do eterno Vivente, na compreensão livre do seu entendimento, sem conceitos de cá, sem palavras criadas para expressá-lo. Eu quero amá-lo com o Espírito Santo, mas não entre sombras, senão na luz luminosa das suas infinitas pupilas... Busco ofegantemente a plenitude da minha capacidade no Manancial infinito das eternas perfeições...

Estou fatigada..., torturantemente fatigada da pequenez da mente humana...! Tortura-me não saber expressar meus sentimentos..., o ter-me que valer de frases e conceitos que não decifram quanto necessito dizer...

Eu quero o Ser...!, o Ser...! E o quero já...! E por isso, ao não o poder possuir como é e onde é, na luz infinita da sua coeterna claridade, busco-o insaciavelmente junto às «portas da eternidade»¹, no meu sacrário, em espera ofegante de que abram-se-me seus portões suntuosos para sempre..., para sempre...!

Cada instante da minha vida é um clamor mais torturante de eternidade, uma espaciosidade mais profunda, e uma petição mais funda em necessidade de só Deus no que é, sem mais coisas que Ele...!

Eu quero aquele que *se É* por si mesmo quanto *se é* no senhorio infinito da sua eterna

¹ Sl 23, 7.

subsistência..., na conversação eterna da sua Explicação canora..., no abraço consubstancial paterno-filial em rompente de Amor pessoal e espiritualmente amoroso...

Suspiro por beijar Deus com o Espírito Santo... E o necessito já...! Mas, a minha apetência não resiste às sombras do desterro para possuir Deus. Clamo pela luz das suas infinitas pupilas..., pelo esplendor do seu Sol eterno..., pelo manancial das suas fontes..., a rompente da sua conversação... e as chamas dos seus vulcões...

Eu necessito de Deus já, sem mais esperas...! Pois fui criada para a Vida e só nela sei viver... Não encontro a maneira de viver sem a Vida na morte do desterro!; pois o meu peregrinar na terra não é mais que um ir morrendo cada dia a tudo o de cá, remontando o vôo para o imenso Ser...

Ferem-me os ruídos deste solo..., suas gargalhadas burlonas..., o tropel da sua vertiginosa carreira sem saber aonde vão... Vitima-me profundamente a hipocrisia dos corações insinceros..., a mofa do triunfo dos soberbos e o aparente fracasso de Deus entre os homens...

Eu busco o Ser...! E no único lugar que mais o encontro é na ocultação simples do sacrário. Mas, diante do seu contato, ainda que me encontre com o Eterno, sempre é entre véus, pelo

que aumentam as minhas angústias e se engrandecem as minhas ânsias de só Deus!; pois meu coração oprimido, ao contato da sua vizinhança, abre a sua capacidade e, dando rédea solta à necessidade de viver que a vista de Deus abriu no meu espírito, faz-me clamar irresistivelmente em chamadas torturantes pela eternidade...

[...] Quando eu chamo a eternidade, não busco fugir dos que amo...; reclamo, somente reclamo!, a única razão de ser do meu existir...; busco o fim para o qual fui criada, e tenho fome das plenitudes do meu coração...

Eu não desejo ir ao céu para afastar-me dos homens, mas para encontrar Deus, pois só para Ele fui criada e para nada mais...! Tudo o que não seja isso, é conseqüência. E eu necessito a posse total do Ser em seu *ser-se* quanto *se é* para Ele...

Eu busco a minha saturação no descanso que me dará a adoração diante da excelência infinita daquele que *se É*.

Todas as coisas aumentam as minhas angústias, porque todas, desmesuradamente, gritam-me que elas não são Deus, e impulsam-me irresistivelmente para o Infinito.

Sei o que é Aquele que É eternamente em seus Três... Sei como é Aquele que *se É*...! E por isso, quem não sabe o Ser não poderá com-

preender as minhas urgências penando, os meus clamores calando, as minhas saudades morrendo, as minhas chamadas carregadas de penas, na minha busca insaciável de silêncio e solidão junto ao sacrário...

Não é que eu queira estar com Deus, é que, ou o encontro, ou morro...! Morro em ânsias de possuí-lo..., em urgências torturantes por não poder morrer para tê-lo já...!

O agonizar da minha vida, a enfermidade do meu desterro, o câncer que vai corroendo o meu viver lastimeiro no caminho desta pobre peregrinação, é o grito torturante que oprime meu espírito em necessidade urgente de: só Deus!

Estou cansada de esperar sem encontrar quanto anseio no lugar do desamor... Como expressar os vulcões do meu peito em amor a Deus e a quantos amo...?!

O silêncio, pela incompreensão, é o martírio que cauteriza o meu espírito que oprime em seu recôndito o segredo premente da petição de Deus em passo de Imenso.

A minha linguagem é cada vez mais estranha, as minhas vivências mais incompreensíveis; pelo que as minhas urgências são mais irresistíveis em necessidade torturante da verdade do Ser. Ele sabe os meus porquês e os martírios que oculto nos silêncios sagrados do

meu coração... Ele conhece as petições que infunde em minha alma, deixando-a penando no mistério silenciado do meu pobre expressar...

Eu quero o Ser em seu *ser-se* Aquele que *se É*, na posse completa de quanto Ele se tem...! E o quero também no cumprimento perfeito de quanto a sua petição imprime no meu peito... E desejo fazer quanto Deus quer que faça no impulso da sua candente conversação, e necessito escutar o Dito da sua Boca para pôr em obra quanto me manda...

Mas, diante da sua voz que me envia, e o «não»! dos que não são Ele, eu quero só Deus...! E tudo o demais é falta de entendimento por inadaptação de conversação. Por isso busco incansavelmente a Fala infinita do eterno Ser.

A minha vida é uma carreira vertiginosa para o Eterno, e, em seu caminhar penoso, vai caindo desabada em seu sempre levantar-se com uma nova e mais profunda tortura em clamores ofegantes d'Aquele que *se É*.

O Ser me chama para Ele, e eu corro ao seu encontro na busca insaciável da minha saturação...

Eu quero o Ser no que é, sem mais que Ele...!

10-7-1970

SAUDADE E MELANCOLIA

Saudade, melancolia e silêncio...! Torturas com apetências em urgências d'Aquele que É, em tormento...!

Busco Deus nos meus martírios, em quebrantos..., em lamentos... Espero-o dia a dia em ofegante silêncio...

Apercebo-o tão longínquo..., tão estranho, tão excelso de tudo o que me envolve..., tão eterno, tão profundo e tão secreto..., tão distinto e tão distante...!, tão sublime, tão infinito, tão bom...!, que, a quem poderei contar o segredo do meu anelo...?

Se se oculta, se se esconde, que romance, que silêncio se apercebe no meu interior, tão saboroso, tão vizinho e tão secreto...!

O ocultar-se o Amor, é saudade do seu encontro..., é doce melancolia..., é abraçar-se em seus fogos!, é buscá-lo aonde esteja, é encontrá-lo muito dentro, em espera que é plenitude e em plenitude que é encontro.

Tenho Deus de um modo estranho... Tão estranho, que não sei como o tenho...!, que tudo o que não é Ele, por muito íntimo e muito bom, por vizinho que me seja, me é tormento!

Almejo com saudade a sua vizinhança, anseio-o como o sedento; busco-o nas minhas horas longas, nos meus tempos de silêncio aos pés do meu sacrário junto ao Deus do Sacramento, no meu trabalho constante, no meu terrível desterro... Todo meu duro querer, todo meu contínuo esforço, todo meu lutar carregado de penas, é por tê-lo contente...

Nem a morte, nem a vida, nem o sofrer, nem sequer o estar contente, tiram do meu ser a urgência que em mim o Infinito pôs de esperá-lo sem me cansar na minha saudade de céu...

Ó doce melancolia que me enche no desterro, que me penetra na profundidade do palpitar do meu peito, que me tem suspirando na noite do desterro, pelo dia luminoso e surpreendente do encontro...!

Eu o espero sem duvidar, porque sei que Ele é sincero e levar-me-á ao seu Lar quando saia deste solo, como o prometeu a mim naquele dia certo. Eu o espero, não tenho dúvidas!, tenho-o impresso no meu centro, que o Amor virá por mim para levar-me ao seu seio.

Por isso vivo na espera e num ofegante esforço por fazer quando pudesse por ter Deus contente.

Fora disto nada busco no meu terrível desterro. Só enche a minha existência este doce

pensamento: que Deus olhe comprazido, descansado e satisfeito a terra do desamor, quando repouse no meu peito...!

Nada busco! Só quero que o Amor encontre em mim quando reclame consolo, em alegria ou dor, um descanso ao seu tormento.

Ó doce melancolia...! Ó surpreendente segredo...! Meus dias passam velozes, deslizam-se como um vôo... Ofegante está meu ser em clamores do Eterno, em urgências de plenitudes e em novidade do que espero.

Busco Deus veementemente, cada dia com mais fogos; no meu espírito oprimido anseio-o sempre de novo, esperando-o em saudades pelo sonhar do seu encontro...

Tenho um romance na minha profundidade...! Tenho um segredo no meu peito...! Tenho uma vida na alma, uma estranheza, um silêncio...! Algo que quero dizer, algo que quero e não posso...; algo que é Deus que me cerca, que é morrer porque não morro; que é saudade do Deus vivo, vizinhança do Eterno, amargura pela ausência e esperança por seu encontro.

Tenho uma coisa na minha profundidade..., um misterioso contento..., uma pena, uma amargura, uma alegria, um anelo...!: Alegria, por ter Deus contente; tristeza, porque não alcanço, em rangente lamento, a posse do Amor do modo que o apeteço...

Que estranheza vivo na minha vida...! Que solidão...! Que silêncio...! Que vizinhança de Deus e que longínquo o sento...! Tenho-o dentro de mim em distâncias do Eterno...!

Enquanto mais tenho, mais quero... Enquanto mais perto, mais longe... Levo-o dentro da alma, sinto-o dentro do peito..., e ao mesmo tempo, na sua vida, nos seus Três, no seu mistério, na sua visão cara a cara, nos seus luzentes luzeiros!, por mais que intento buscá-lo, não o encontro...!

Tenho Deus de um modo estranho, mas não como o quero... Que longe está a morte...!, que longe está a vida do encontro...!

Tenho Deus de um modo estranho no meu desterro carregado de penas, em profunda melancolia, em urgências por tê-lo do modo que não o tenho...

Tenho Deus na esperança de tê-lo já sem véus, para sempre, para sempre! na luz do seu mistério, em resplendores de glória e em cintilações de céu...!

Tenho Deus porque o busco nos meus constantes anelos, e é tê-lo, bem o sei, porque o sinto, num ter que é saudade, que é apetência, que é fogo, que é cauterizante luz, que é agonia de céu...

Tenho Deus do modo estranho que se tem no solo, desse modo que é saudade, que é mistério, em profunda melancolia pelo seu encontro...

Tenho Deus secretamente desse modo que não entendo, mas não como o busco!, mas não como o espero no dia que me adentre no Manancial eterno e no Pélago infinito da profundidade do seu fogo...!

Que doce melancolia a que eu abrigo no meu peito...! Que triste profanação a que no meu espírito sinto, quando intento descobrir o que vislumbro no meu seio, ao descrever com palavras esse dizer seu beijar sem beijo, este expressar seu queimar sem fogo; este intentar decifrar o modo do Infinito, sem conceitos...!

Pois sentir a vizinhança do Amor, é sentir a lonjura do seu Fogo... Enquanto mais perto, mais longe...; ao tê-lo, mais o perco... Que estranhas são as minhas palavras e os meus dós, para poder entender a vizinhança de Deus, sem conceitos...!

Quando acerca-se o Amor, tudo fica em silêncio: as criaturas, as flores, a imensidade que contemplo... Tudo fica longe e, diante da Vida infinita, aparece como morto. E que choque quando a alma tem que seguir vivendo entre a vida e a morte, entre a terra e o céu, entre o Concerto de lá envolvida neste silêncio...!

Mas... que digo...? Como expressar o que quero...? Tudo é profanação do que vivo no meu peito...!

Queria gritar muito alto, decifrar o que em mim tenho, mas, por mais que me esforço, só consigo dizer o contrário do que sinto...

Porque o que digo é vida, é a vida do Imenso, e, se Este se aproxima, é preciso ficar em silêncio...

A pobre mente não sabe expressar com seus conceitos algo do que Deus realiza em segredo; e ao explicar o que vivo, sofro um terrível tormento, porque me é profanação o que expresso...

E assim transcorrem meus dias vagando pelo desterro, esperando ofegante, nas minhas noites atrás dos meus véus, atrás da minha angústia e do meu trabalho, atrás da luta deste solo, num caminhar penoso cheio de terrível anelo, na minha saudade calada, só o dia do encontro...!

Vivo silente na minha vida, dissimulando meu anelo; e quando quero explicar algo do que em mim tenho, fica-me tal amargura e uma dor tão lastimosa na profundidade do meu ser por não dizer o que encerro, por não o poder expressar, que volto com a minha saudade a submergir-me em silêncio, na espera ofegante

daquele dia do encontro; pois bem sei que Deus virá para levar-me ao seu seio...

E então, e só então, com a sua Boca, com a sua Luz e com o seu Fogo, eu lhe expressarei em romance o que em meu espírito tenho...

Mas, enquanto chegue o dia de olhá-lo em seus luzeiros, por mais que quero dizer, só poderei conseguir profanar mais o meu segredo.

Que profunda melancolia...! Que saudade...!
Que silêncio...! Que urgências por possuí-lo...!
Que apetências do Eterno...!

Mas, está perto o Amor... muito pertinho!, eu o sinto...!

Saudade e melancolia no meu peito...!

12-12-1974

NO SACRÁRIO ESTÁ O SER...!

Eu clamo pelo Ser, pela posse da conquista do Infinito, pela vizinhança da brisa calada do Espírito Santo...

Suspiro ofegantemente pelo Amor; chamo-o numa saudade profunda que, impulsando-me para a luz luminosa do Sol eterno, lança-me vertiginosamente atrás d'Ele, sem poder conter o ímpeto candente do meu coração.

Eu clamo pelo Ser em torturas agonizantes da sua posse, em ímpetos continuados de novos impulsos que me fazem suspirar constantemente, sem pronunciar palavra, em tendência incontida para Ele, com a velocidade do raio e o ímpeto do furacão, atraída pela força misteriosa daquele que *se É*...

Meu viver é a continuação de um ato de amor que Deus infundiu no meu peito no dia que me chamou para Ele, e que durante toda a minha vida está sendo pronunciado, para perpetuar-se em amor puro no dia eterno do Reino da Luz. Pelo que espero que, em qualquer momento que Aquele que *É* eternamente venha recolher-me, encontrar-me-á voltada para Ele

na pronúncia do ato de amor puro da minha vida.

O Amor infinito beijou a minha alma, imprimindo-se nela tão divinamente, que esta é uma repetição de resposta ao dom divino em lançamento amoroso para Ele.

Minha vida é amar o Amor que, envolvendo a minha alma com a brisa do seu passo e no esvoaçar da sua carícia acolhedora, diz-me de maneira queda num pronúncia sagrado de infinita petição: «Esposa, vem a mim»¹.

E este «vem a mim» que o Ser infinito gravou com fogo no meu peito no dia da minha consagração como petição de Esposo enamorado, lançou-me para Ele atrás da brisa do seu vôo num ímpeto que, respondendo em dom como pode, diz-lhe: «Espera, Amor, que vou logo».

O mistério da minha vida, o da minha consagração, e toda a saudade apertada da minha constante ascensão para Deus, não é mais que uma petição do Amor, contestada em resposta de entrega incondicional e correspondência.

A voz do Infinito é marca na minha alma enamorada que, convidando-me a segui-lo, clama-me com gemidos inenarráveis dentro do meu peito: «Amada, vem a mim». E o meu espírito,

¹ Cf. Ct 4, 8.

impregnado do hálito do Eterno, enlouquecido de amor, lança-se atrás das pegadas do seu passo em carreira veloz de doação total à petição penetrante que, como flecha aguda, perfura a minha alma em requebros de Esposo.

O Amor chama-me para Ele, e meu amor corre para o Amado, porque a luz da sua formosura subjugou-me tão maravilhosamente, que só no dia dos seus Sóis a minha alma descansará tranqüila, reclinada no seu peito.

Por isso, quando a minha sede de eternidade abrasa-me, quando meus ímpetos por possuir o Ser parecem arrancar-me da morte desta vida, quando todas as coisas de cá ameaçam de separar a minha alma do corpo no vôo do seu lançamento para Deus; impelida nas brasas do amor, corro para o sacrário, onde, em entrega de amor, atrás dos portões misteriosos que o ocultam, encontro o Ser...!, o Ser infinito!

E ali, num ato supremo de amor, de entrega, de doação, de resposta e de imolação, recordo-lhe que sou mãe; e descanso, feita a com os meus, junto a meu Amor infinito na terra, prostrada em veemente e reverente adoração diante «dos Portões suntuosos da eternidade»²: Detém teu passo, Senhor, porque entre o teu amor e o meu amor, realizou-se um mis-

² Cf. Sl 23, 7.

tério de fecundidade que, tendo-me em vòo para Ti, põe-me em prensa por estar aqui contigo e sem Ti, para a tua glória e a glória de quantos me deste que me abrasa em sede de almas, em ardorosos desejos de levá-las a Ti!

Às vezes, quando parece que não posso mais, ao chegar junto ao sacrário, paro na minha ascensão, e, caindo em adoração diante do meu Jesus carregado de penas, amo-o em descanso amoroso com necessidade de estar junto com Ele quanto durem os séculos.

Como compreendi nesta última temporada a necessidade de que Jesus esteja na Eucaristia...! Se Ele não tivesse ficado conosco por amor, como poderia o nosso amor viver sem Ele...?!

Meus tempos de sacrário, vividos dia a dia junto às «Portas da eternidade», têm pacificado o meu espírito e sustentam a carreira vertiginosa que, diante da voz do Ser que me convida a segui-lo, meu espírito empreendeu para Ele.

Deus é o Tudo da minha vida, e o Tudo infinito está no sacrário para mim.

Quantas vezes experimentei como algo interior que me fazia lançar-me para Deus, não podendo estar mais no desterro. E, ao chegar ao sacrário, apoiada e repousando no peito de Cristo, pouco a pouco ir-se aquietando minha alma no ímpeto da sua veloz carreira; até que,

no final, descansando tranqüila e sossegada em amor de resposta ao Amor infinito, ia vendo que, no mistério da Eucaristia, o mesmo Deus, em silêncio de doação, dizia à minha alma: «Vem a mim...!».

Como compreendo, diante da experiência urgente que me impulsiona para a posse do Eterno e a minha plenitude junto aos pés do sacrário, que, no sacrário está o Ser...!! Mistério inexplicável que o espírito sabe compreender ao intuir o seu segredo. Deus chama para Ele, e, quando a alma o encontra no sacrário, descansa.

Quando a minha vida afadigada experimenta que não pode mais, em clamores insaciáveis do Ser, pelas apetências da sua posse, corre ao sacrário. E ali encontra, no modo misterioso que lhe dá a fé, a esperança da plenitude de quanto necessita. Pelo que cheguei a compreender, através dos meus ímpetos saciados na Eucaristia, num saboreamento de misteriosa compreensão, que as portas do sacrário são «os Portões suntuosos e largos da eternidade»!

No sacrário está o Ser...!, o Ser infinito que me chama, com voz poderosa, convidando-me a segui-lo. Por isso, quando, depois de tantos anos de consagração, meu espírito parece que já não pode conter as suas ânsias de Deus em luz, necessita –e eu sei que meu viver é para isso porque assim Deus imprimira-o na minha alma– grandes e descansados tempos de ora-

ção diante de Jesus Eucaristia, para conter o ímpeto que, em carreira veloz, impulsa-me a caminhar para a eternidade...

Quantas vezes, sentindo-me morrer em ânsias de Deus, alheia e como separada de tudo o criado, sem forças físicas para seguir vivendo, corri ao sacrário, ao silêncio silencioso do Verbo infinito Encarnado; e pouco a pouco foise apoderando de mim como uma doçura de paz, que, em saboreamento sagrado, sendo plenitude das minhas apetências, fortalecia a minha vida agonizante, para continuar entre os homens sem voar ao Ser definitivamente!

A fortaleza da minha vida, a continuação do meu peregrinar, a fecundidade da minha maternidade espiritual, a plenitude do meu espírito tantas vezes angustiado, o encontro aos pés do Sacrário... Ainda mais, o consolo das minhas aflições, o beijo do Amor infinito à minha alma chorosa, a carícia da sua mão compassiva, o olhar dos seus olhos serenos em promessas de amor e a participação tranqüila das minhas terríveis saudades por Ele, e inclusive pelos meus na solidão do meu duro desterro, tudo, absolutamente tudo!, encontra pleno sentido nos meus tempos de sacrário junto às «Portas majestosas da eternidade».

Eu sei, porque a fé o diz a mim e porque assim o vivo também numa sabedoria de experiência saborosa, que o Ser infinito do ama-

nhã da eternidade é o Jesus carinhoso do meu sacrário...

Como então poderei egoisticamente querer voar para a sua luz, quando Ele ficou nas minhas trevas para mim...? Pelo que, enquanto a minha alma possa estar longos tempos prostrada diante do terrível mistério de um sacrário em silêncio, eu esperarei incansavelmente o dia do Senhor.

No meu sacrário tenho tudo, porque o Tudo infinito é o mistério transcendente que oculta o meu sacrário. Se o homem soubesse o segredo da Eucaristia, como não viria a refrigerar a sua sede e a saciar as suas fomes, reverente e adorante, aos pés do sacrário diante do Deus do Sacramento...?!

Eu busco o Ser... e, ou encontro-o, ou morro...! Porque Ele me chama a si com força irresistível que, em lançamento de resposta, faz-me viver em torturante clamor de eternidade...

Mas, já encontrei o Ser do modo amoroso com que a sua vontade infinita hoje quer dar-se-me no caminho carregado de penas do peregrinar deste desterro na minha busca insaciável de só Deus...!

Por isso meus tempos de Sacrário são-me tão necessários, tanto, tanto!, que nisso vai a minha vida; pois a minha alma, sustentada pelos

silêncios do seu mistério, saboreia, em doação amorosa, os segredos da eternidade.

Que grande é a Eucaristia para a alma enamorada...! Tanto, que nela encontra a sua razão de ser na plenitude das suas insaciáveis apetências.

Eu quero o Ser, e no sacrário encontro-o!

3-1-1982

ESTREMECIMENTOS...!¹

Estremecimentos eu sinto nas minhas
profundezas
quando aproximo-me do sublime Sacramento,
onde oculta-se o Deus vivo em branca Hóstia,
para dar-se à minha alma em alimento.

Estremecimentos de inédita ternura,
por saber que me espera, como anelo,
o Amor infinito com saudades por entrar
na medula escondida do meu peito.

Estremecimentos de silentes melodias,
que me deixam em clamores transcendendo,
ao saber que me deseja com amor na
sua «loucura»,
o Deus mesmo em Pão vivo de mistério,
abrasando-me nas brasas transcendentais
do seu Beijo.

Estremecimentos que me põem cada dia,
quando chega o grande momento do encontro,

¹ Com a palavra “estremecimentos” traduz-se a espanhola “retemblores”, que para a autora significa: vibrações silentes, íntimas e secretas.

acesa nos fogos de quem amo,
com urgências que me oprimem docemente
em ardores pelo seu abraço no meu interior.

Estremecimentos hoje envolvem os poemas
da minha alma enamorada do Eterno,
ao saber que o Deus bendito da Altura
desceu em veloz descendimento,
para ser por mim comido,
sendo, como num divino excesso,
meu Alimento.

Estremecimentos eu senti esta manhã,
porque sei que Deus descansa no meu cautério,
no ponto silenciado da minha alma,
onde Ele tem, desfrutando, seu aposento.

Estremecimentos apoderam-se do meu ser,
pela paz que me penetra no seu silêncio;
pois Deus mesmo sussurra-me com a sua brisa,
ao posar-se, no seu passar, dentro, no meu seio.

Estremecimentos que rangem
as comportas da minha medula, no seu centro,
para dar entrada ao Ser, que me quer possuir,
sendo Ele, dentro de mim, meu único Dono.

Estremecimentos de alegria,
em doce paz de mistério,

porque sei que entre minhas penas,
pelo duro caminhar deste desterro,
Deus caminha junto a mim,
sem deixar-me abandonada nem um momento.

Estremecimentos que me põem subjugada,
sem deixar capacidade em mim para penar,
ainda que morra,
na triste solidão em que me encontro.

Estremecimentos de alegria,
na medula profunda do meu peito,
porque sei que é o Jogral dos meus amores
quem fez este portento
de que fique solitária entre os homens,
para ser Ele somente meu Divino Companheiro,
o Mestre da minha alma pequenina e subjugada
sem que ninguém se atribua este troféu!

Estremecimentos de amor puro
em conquistas do Deus bom,
em amores silenciados
com silêncios do Eterno.

Estremecimentos que põem
o meu espírito sedento,
abrasado nas saudades
de encontrar-me já nos céus.

Estremecimentos que me obrigam
a querer seguir vivendo,

para ajudar como possa,
deste modo em que me encontro,
quantos Deus me doou
como fruto do seu Beijo.

Estremecimentos se te olho
oculto no Sacramento,
atrás das portas do sacrário,
e no meu espírito sedento
depois que te recebi
como sublime Alimento.

Estremecimentos de saudades,
são estremecimentos de encontro,
que deixam a alma amante
saturada do Eterno.

Estremecimentos se te acho...!!
Estremecimentos se te encontro...!!
Estremecimentos por pensar
que hei de perder-te de novo...!!

12-5-1974

HORAS PROLONGADAS

Manhãs carregadas
de profundos segredos,
quando, ao despertar
do meu longo sonho,
abro janelas que dão para o sacrário
e deixam reluzente o Sol dos céus.

Horas silenciadas
de recolhimentos,
onde, nos colóquios do Ser com a minha alma,
percebo mistérios,
palpito com Cristo,
intuo seu acento.

Nada diz nada para quem não sabe,
perto do sacrário, descobrir o Verbo.
Tudo diz o Tudo,
quando o peito aberto
conselho reclama
de Deus em silêncio.

Horas prolongadas,
inérito anelo...
Deus cala e espera
na sua ocultação;

e minha alma sabe,
de um modo certo,
o falar simples
do Verbo em desterro.

Comunicações
de trás de tênues véus,
que vão descobrindo, em horas carregadas
de densos encontros,
a face do Deus vivo,
com cintilantes luzeiros de céu.

É tanta a profundidade
da paz que encerro,
que em conversações
rompem meus cautérios;
pois sinto-me ferida
qual vulcão em fogo,
porque é, qual espada
que perfura o peito,
a fala infinita
do Ser no meu centro.

Enquanto menos diz
fora de conceitos,
mais densa é a sua voz,
mais forte o encontro,
mais ultrapassada
de tudo me sinto;
e, sem dizer nada,
em silêncio fico.

Entre Deus e eu se abrem mananciais
de compreensão.

Deus beija e espera,
eu adoro e contemplo,
sem que se pronuncie
nada no nosso encontro;
e, sem ouvir nada,
tudo compreendo;
e escuto palavras,
e entendo mistérios,
e sei que Deus fala
sem sentir seu acento.

Horas prolongadas
eu vivo no solo,
olhando o sacrário
para ver o Céu.
Horas que confortam
meus rangidos,
enchendo saudades,
calmando tormentos,
porque no Sacrário
eu seguro sento,
sem nada que impeça
meu pressentimento,
que estou no meu caminho diante dos umbrais
do céu em desterro.

Dias de sacrário,
plenitudes de Imenso...

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia